

JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO

PRESIDENTE DA ACADEMIA SERGIPIANA DE LETRAS, JORNALISTA E MEMORIALISTA

Avenida Coelho e Campos (II)

O apito do Trem Maria Fumaça chegando ou partindo da velha estação, causava o maior encantamento, frenesi, choro de alegria entre aqueles que estavam chegando, ou de tristeza daqueles que estavam partindo e deixando saudades e corações apaixonados. Era, assim, uma representação cotidiana, principalmente quando as pessoas viajavam para cidades distantes, para Salvador, onde uns permaneciam para estudar nas faculdades de Direito, de Engenharia e de Medicina, outros para se aventurar no comércio da Boa Terra, ou nos desbravamentos das terras do Sul da Bahia, principalmente em Ilhéus e em Itabuna. Havia também aqueles que chegavam à Estação Ferroviária de Calçada, em Salvador, e logo embarcariam no navio Pedro II, da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro ou no José Marcelino, da Companhia Baiana de Navegação, entre outros, com destino ao Rio de Janeiro e a Santos. O Trem Maria Fumaça encantava a todos com o seu apito intermitente até chegar além dos arredores da Avenida Coelho e Campos, passando pelo AMV (Aparelho de Mudança de Via), conhecido na boca do povo como agulha do Aribé ou das Oficinas, atual Bairro Siqueira Campos, cuja aparelhagem desviava o trem para o Norte, com destino a Propriá, ou para o Sul, com destino a Salvador. Esses apitaços eram ouvidos por quase toda a cidade, já que não havia a poluição sonora da modernidade. Além do “Trem da Hora”, como eram chamados os trens que partiam e chegavam nos horários certos, havia os trens suburbanos. O que partia para o Norte ia até Maruim, parando num ponto em frente ao atual Parque de Exposições João Cleófas, pelo Ponto do Calumby, depois Laranjeiras, chegando ao seu destino final, à tardinha, quase ao anoitecer. E o que partia para o Sul parava no Ponto Novo, depois São Cristóvão, em seguida Itaporanga, chegando a Salgado, também, no finalzinho da tarde. No dia seguinte, retornavam a Aracaju, percorrendo os mesmos trajetos. De uma parada para a outra, o telegrafista da Estação Ferroviária comunicava o telegrafista da próxima estação, via aparelhagem de Morsi, que o trem partira. Se o trem não chegasse ao destino no horário esperado, algo de anormal havia acontecido; normalmente, a locomotiva descarrilava ou algum acidente mais grave ocorrera. Havia ainda o Trem Sá Maria dos Cavalos, que era um trem cargueiro, com vagões para o transporte de cavalos pangarés para a feira de Aracaju e de gado para o navio que pertenceu a pecuaristas pernambucanos.

Essa movimentação dos trens na Avenida Coelho e Campos causava algum transtorno às donas de casas, devido à fuligem que as locomotivas soltavam por seus bueiros e sopradas pelo vento, invadiam as residências, sujando o mobiliário, toalhas e as roupas postas a secar nos varais. Ao lado da fuligem, havia, também, a poeira dos ônibus e dos carros de praça, atuais taxis.

Nesse movimentado ambiente dos primeiros trechos da Avenida Coelho e Campos, que já se chamou Avenida Artur Bernardes, instalaram-se empresas comerciais do segmento rodoviário. No antigo número 73, estava a Rodoviária Estrela do Norte e no número 180, hoje, 234, funciona a Tyressoles, uma empresa fundada em 26 de março de 1952, pelo empresário Walter de Oliveira Mesquita, ocupando a venda de pneus, combustível e lubrificantes, com filiais no interior de Sergipe e da Bahia.

No antigo número 216, funcionou a Empresa Rodoviária de Sergipe, uma das pioneiras no transporte rodoviário interestadual para o Rio de Janeiro. Outras empresas de variados segmentos comerciais e industriais fixaram-se na Avenida Coelho e Campos. No número 266, esteve por muito tempo a loja da Fratelli Vita, empresa dos irmãos Giuseppe e Francesco Vita, sediada em Salvador, que produzia deliciosos refrigerantes, com sabores como cereja, guaraná, ameixa, limão, maçã e pera. No número 276 estava o Armazém Macêdo, pertencente ao empresário Genaro Macêdo, que se dedicava ao comércio do material de construção. Funcionou no número 226, a Serraria Carvalho, dirigida pelo empresário Arivaldo Carvalho, um dos pilares da Loja Maçônica Cotinguiba. Com a renumeração, esse imóvel recebeu o número 326, funcionando depois, a empresa Carvalho Divisória. Atualmente está a loja Ferragens Santana. No local em que funciona a Farmácia Itália, com o número 350, estava, antigamente, a Panificação São Luiz.

Na esquina do lado esquerdo da Avenida Coelho e Campos com a Avenida Carlos Firpo, encontramos o Restaurante Popular Padre Pedro, mantido pela Secretaria de Estado da Mulher, da Inclusão e Assistência Social, do Trabalho, dos Direitos Humanos e Juventude do Estado de Sergipe. No local, funcionou por muitos anos a Companhia Agrícola de Sergipe (COMASE), empresa do Estado de Sergipe que muito contribuiu para o desenvolvimento agro pecuário do Estado.

No trecho entre a Avenida Coelho e Campos e a Rua Lagarto, havia, no número 360, a serraria do empresário italiano Nicola Mandarino, instalada num sobradinho bem na esquina do lado direito, que produzia forros, assoalhos, rodapés, cortinas, portas, janelas e postigos de madeiras; produzia, ainda, sabão. Com a desativação desse empreendimento, instalaram-se, no térreo, lojas de prestadores de serviços, entre eles a Esna Indústrias Reunidas, a Superlux, a Serralheria de Seu Ieie e uma agência do Banco do Brasil. Na parte superior do sobrado, já decadente, funcionou um cabaré frequentado por homens e mulheres de baixa renda e por estudantes, tipo “bas fond”, conhecido como “A Fresca”, assim denominado porque não havia janelas nos seus quartos, por onde entrava a brisa noturna aracaiana e os seus habituês praticavam, literalmente, idílios amorosos, na fresca.

ANA RITA MENEZES DA SILVA DE PIÑEYRO
PSIQUIATRA-PSICOTERAPIA PSICANALITICA. POSTULANTE A FORMAÇÃO PSICANALÍTICA PELA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RECIFE - anaritamenezessp@gmail.com

Divertida e criativaMENTE

Em um comentário atribuído ao cineasta italiano Federico Fellini ele nos diz que “o cinema utiliza a linguagem dos sonhos ; anos podem se passar em um segundo e você pode saltar de um lugar para outro . É uma linguagem feita de imagem . E, no cinema de verdade, cada objeto e cada luz significam alguma coisa , como em um sonho.”

Divertida Mente é o mais novo filme de animação da Pixar. É um ótimo filme e um sonho bom.

Nele acompanhamos a história de Riley , uma pré-adolescente de 11 anos, alegre e sem preocupações. Tudo parece estável, seguro, permanentemente alegre. A mente de Riley é comandada pela Alegria que tenta afastar do comando seus “companheiros” - emoções Medo, Raiva, Nojinho e principalmente a Tristeza.

Tudo parece mudar quando seu pai aceita uma oferta de emprego em outra cidade e Riley tem que deixar para trás sua cidade natal, amigos, lembranças. Suas emoções se confundem e a Alegria começa a ter trabalho extra para manter a Raiva, o Medo sob “controle” e “aprisionando e afastando” a Tristeza afinal, ela é incômoda, inútil. Seu objetivo é manter Riley sempre feliz.

Algo parecido com o que encontramos em nossos consultórios. Mas será isso possível? Sabemos que não.

A primeira cena do filme nos mostra o nascimento de Riley. Um primeiro plano dos olhos de Riley se abrindo e captando as primeiras imagens do mundo e de seus pais que a admiram e a recebem com amor; corte para a mente de Riley e vemos as emoções aparecendo, tomando forma na sua

mente. Alegria, Medo, Raiva, Tristeza, Nojinho. Vemos uma sequência que, da percepção sensorial vai a emoção, a um registro, uma significação, um armazenamento como, memória e base para o aprender com a experiência. A base para o pensar. Algo que me faz lembrar a hipótese de Armando Ferrari.

Ferrari nos diz que a mente surge para dar conta das sensações e emoções intensas que surgem com o nascimento. O corpo (aquele corpo) surge assim como o primeiro objeto da mente (daquela mente) e com toda a fisicidade que nos torna aquele homem ou aquela mulher único(a) com um corpo e uma mente própria, única. Junto com esse processo temos a mãe (e a sua mente), que com sua importante função de reverie dá forma, favorece a metabolização das experiências da criança.

Essa criança - corpo objeto concreto - vai se relacionar com essa mente em uma relação vertical onde a mente contém, dá forma, significa as emoções e sensações ao tempo em que se inicia uma relação horizontal entre a criança-mundo exterior – mãe.

Cada experiência da personagem é armazenada na mente como traço de memória e algumas se transformam em Memórias Base uma espécie de Ilhas de Lembranças -Família , Amizade, Ética, Macaquices (brincadeiras e lembranças infantis) e que na concepção da Alegria “definem a Riley”. Algumas lembranças “perigosas” vão para o subconsciente, “um lugar de difícil acesso”.

O título original do filme é Inside Out - de dentro para fora. Riley é uma pré-adolescente num difícil diálogo com suas próprias emoções e sentimentos tentando lidar com mudanças externas.

JOSÉ LIMA SANTANA

ADVOGADO, PROFESSOR DA UFS, MEMBRO DA ASL E DO IHGSE

Encontro de amigos do facebook

Amigos do facebook são apenas amigos do facebook. Nada mais. Muitos nem se conhecem pessoalmente e alguns jamais se conhecerão. Há, porém, amigos que começaram a se relacionar nessa rede social e acabaram se tornando grandes amigos. É possível algo mais? Quase tudo na vida é possível. Pois bem.

Eles se conheceram, sim, no facebook. Ela, fisioterapeuta. Morena, bonita, corpo bem delineado, sorriso de flor que se abria na madrugada para beber do orvalho e explodir em cor e perfume sob o brilho da manhã. Ela sempre curti as postagens dele. Poemas e pequenos textos em prosa. Alto astral, como diziam alguns por aí, nesse mundo de redes sociais que se alastravam. Quem estava fora delas, estava fora do mundo. Diziam. Havia, porém, quem disso discordasse. O mundo, para estes, era muito mais do que redes sociais. Muito, muito mais. Ela sempre comentava as postagens dele. Comentários curtos, mas graciosos. Comentários de amiga recente, que parecia se chegar passo a passo. Outra amiga a indicara para ele adicionar. Coisas do facebook. Desde que fora adicionada, ela o curti a semana após semana. Ele postava um texto em prosa todo fim de semana. Ao longo de algumas semanas, apareciam outros textos, poesia ou prosa. Ela curti todos eles. E comentava um por um.

Ele... Bem, ele era um misto de escritor bissexto, desses que teimavam em chamar atenção para um talento que, de veras, não o possuía, apesar do reconhecido esforço, além de ser profissional liberal. Um sujeito simples, que, fisicamente, não chamava a atenção de ninguém, nem se destacaria se ao seu lado estivesse apenas mais um sujeito ou um milhão de sujeitos. Não era nenhum deus grego. Nem mesmo um semideus. Nem... Nem nada do tipo. Também com a Grécia quebrada como está...! Mensagem vinha, mensagem ia, e eis que ela deixou escapar: “A gente ainda não se conhece... Quem sabe se a gente não se esbarra por aí...”. Era como se ele esperasse por aquilo desde os tempos pré-socráticos. E devolveu em mensagem reservada: “Pois é. Quem sabe se a gente não se esbarra por aí, no shopping, na paria... A gente já conhece a cara um do outro, das fotos daqui do facebook...”. E ela: “Quem sabe... Hehehehe...”.

Os dias se passaram. Os meses se passaram. O inverno chegou. O mesmo esteve a meio caminho, preparando-se para, mais tarde, ir-se embora. Era um

sábado de céu manchado de nuvens. Não chovia. Nem fazia sol. Dia a meio termo. A manhã para ela passou a passos de cágado. Em tempo de crise, de dinheiro curto para muitos, embora não para ela, mesmo sabendo-se que sobrar muito não sobrava, uma boa ajeitada nos cabelos era possível fazer em casa mesmo. Uma boa escovada. O penteado de costume. Uma maquiagem discreta. O perfume preferencial. Roupas? A casual. Era sábado. Um sábado comum dentre tantos sábados comuns. Nada de especial a esperava. Tão bom seria, contudo, se rolasse algo não usual. Seria tão bom! Almoço em casa. À tarde, daria uma volta no Shopping. Talvez uma sessão de cinema. Uma colega de trabalho, recentemente separada, sem filhos, seria a sua companhia. O problema era que a amiga gostava de filmes bobinhos, tipo água açucarada com uma leve pitada de sumo de limão, apenas para dar um gostinho sem gosto. Quanto a ela, sua preferência por filmes era daqueles arrebatadores. Dos grandes dramas.

O sábado dele foi só um pouquinho mais agitado. Uma ida ao mercado para comprar uns trecos. Passou num bar de esquina para cumprimentar alguns amigos e degustar um caldinho de sururu. Na verdade, degustou três. Dois de sururu e um de mocotó. Beber? Não bebia. Só sucos e água de coco. Estava bem servido. Almoçou um pouco mais tarde que de costume. Um peixinho ao molho de camarão. Não tinha nada de programado para a tarde. Haveria de ler um bom livro dentre os três que tinha comprado ultimamente. Escreveria um pouco? Deixasse a tarde rolar. Súbito, decidiu ir ao Shopping verificar os preços de um HD externo. Tarde de nuvens no céu.

A amiga dela entrou numa loja. Recentemente separada, o marido a deixara por uma antiga namorada, igualmente separada. Quanta separação! Talvez a amiga estivesse numa fase de compulsão. Precisava comprar e comprar. Enquanto a amiga revolvia peçocas e coisas, a morena dirigiu-se ao quiosque dos sorvetes. Pediu um dos grandes. Uma casquinha de quatro bolas, sortidas. Uma delícia! Verdadeiro maná dos céus! Retornando ao encontro da amiga consumidora, a morena deu um esbarão numa quina. Um encontro com um homem. Sustos. Balbuciu um pedido de desculpa, que, inopinadamente, também veio da boca daquele homem. O sorvete espanou na camisa do homem. Colorida branca manchada de sorvete colorido. Reconheceram-se. Ela disse: “Surpresa!”. Ele disse: “Surpresa. Kkkkk...”.

Se no nascimento é a mente que se impõe ao corpo dando continência, “esfriando” e significando as emoções e sensações, na adolescência um corpo em transformação se impõe a mente como um corpo estranho. As emoções e sensações se tornam confusas e desarmônicas, e a mente precisa acolher de volta, reconhecer e significar esse novo corpo restabelecendo uma unidade, um diálogo harmônico dando espaço para as transformações, desconstruções. Para a construção de um espaço mental.

Nessa travessia Riley tem que lidar com suas emoções dissociadas, Raiva, Medo, Alegria, Tristeza - e com todas as transformações e frustrações do mundo externo, um ambiente hostil e desconhecido, e lidar com a solidão, a tristeza que insiste em aparecer a contragosto da Alegria, a Raiva, o Medo. Se refugia em memórias antigas, no amigo imaginário – o lindo e fofo Elefantinho de Algodão Doce, que pouco a pouco vão desaparecendo para dar lugar e espaço para novas memórias, novos amigos, novas experiências num constante aprender com a experiência necessária em todo crescimento. Quando finalmente a Tristeza pode ocupar seu lugar, integrada a todas as emoções num avançar para a posição depressiva Riley amplia suas experiências, cria um espaço mental que pode, agora, acolher a Riley que caminha para a adolescência.

Adolescência? O que é isso? Se pergunta a mente ao contemplar as mudanças e um novo painel que aparece no novo espaço.

Bom, isso já é uma outra história.

Um sorriso sem graça, misto realmente de surpresa e desconforto. Cara a cara. Um olhando para o outro. Era como se estivessem petrificados. Corpo a corpo. Ele pensou em convidá-la para ir ao cinema. Para tomarem um café na livraria. Para qualquer coisa. Ela não dispensaria qualquer coisa, ali mesmo. O porte dele, como se fora um hindu salpicado com alguma coisa, fascinava-a. Não era belo. Não tinha dotes físicos atraentes como muitas mulheres prefeririam. Tinha o olhar profundo. O sorriso discreto. E os textos que ela tanto gostava... Num átimo, ela se lembrou do poema “Ardência”: “O corpo arde e fascina como a estrela da manhã...”. E do final do conto “Branças Areias”: “Eu caminhava por areias finas e brancas, à procura de suas pegadas, mas o vento já as tinha apagado. Meus passos perdidos em busca de suas perdas perdidas. Esperanças, talvez, perdidas. Brancas areias que eu jamais esqueceria. Desalento”.

Ali se encontraram os dois amigos do facebook. Ele e ela. Enfim, se esbarraram. Ambos almejavam aquele encontro. Ambos queriam que ele durasse. Eles teriam muito o quê conversar. Quem sabia se... Ele pensou mil coisas. Mil coisas ela pensou. Cara a cara. Corpo a corpo. Pareciam petrificados. Grudados. “Quem sabe se a gente não se esbarra por aí...”. Ela dissera isso. Ele almejava isso. E ali estavam. Hálito puro. Ele o sentia. Perfume discreto. Olho no olho. Sorriso atravessando sorriso. Corações prestes a voarem, a pularem das caixas torácicas, a darem-se mãos imagináveis e saírem por aí.

De repente, um grito. Outro ainda mais forte. A amiga dela vinha apressada, quase correndo. O telefone ao ouvido. “Lindinha!!!”, exclamou a amiga. “Aconteceu uma desgraça. Um carro acaba de atropelar Júlio César. Minha mãe está desesperada. Está em prantos. Temos que ir”.

E elas se foram. Não houve tempo para despedidas. Nem para marcar um encontro. Marcariam pelo facebook? Bem. Ele teria que limpar a camisa manchada pelo sorvete. Passou a mão. Levou o dedo à boca. Jabuticaba! Era o seu sorvete preferido. A sua fruta predileta, desde que ele era menino, no quintal da casa dos avós, lá no interior. Jabuticaba...! O mais doce dos sabores. Para ele.

Depois, ele ficou sabendo, por uma mensagem que ela mandou via facebook, que o Júlio César atropelado era o cãozinho poodle da mãe de sua amiga. Outros sábados viriam. Ah, vida...!